



Resenha crítica - O diálogo buberiano na comunicação: o comum na relação

Hércules da Silva Xavier Ferreira*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

ORCID: 0000-0002-6147-4563

*Autor correspondente (e-mail:hxferreira@yahoo.com.br)

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.

A presente resenha crítica da obra *Eu e Tu*, de Martin Buber, busca apresentar seu conceito de diálogo, desenvolvido por todo esse livro, mas dentro da relação possível com a comunicação, derivada como “comunicação dialógica”. Tem-se, portanto, uma proposta apresentada com essa resenha que é a de melhor contribuir para o entendimento do “comum” na “comunicação” e apontar essa ação em uma busca pela compreensão de questão encontrada na obra do autor, mais do que em uma mera atitude descritiva de sua obra em capítulos.

É de 1975 o disco *Cirandas*, de Claudionor Germano, popular intérprete pernambucano dos mais diversos ritmos regionais, e um desses destes ritmos origina o nome de seu vinil. Uma canção nele gravada chama-se *ciranda do amor*, composta por Esdras Silva e Reinaldo de Oliveira, cujos versos iniciais são: “Minha ciranda é / de coração pra coração / marcando passo com passo / dando braço com braço / sua mão na minha mão” (GERMANO, 1975). A ciranda é dançada de forma circular, com os participantes dando as mãos entre si e movimentando-se um passo à frente e outro para trás (de costas), sempre erguendo os braços ao avançar para o centro, durante a execução da música. Geralmente no centro há a presença do cantor/intérprete.

A dança só acontece se todos participarem nesse acordo implícito e pré-conhecido. Seus passos simples revelam, por contraste, o complicado movimento que podem representar para determinados corpos em suas limitações dançarinas. A simplicidade dessa dança faz com que, aprendida uma vez, se aprenda para todo o sempre.

Trouxe-se esta introdução como metáfora para o que, entendido como um somatório de fatores, pode ser esclarecido como encontro. Encontro este que é proveitoso para uma inicial explicação sobre a perspectiva dialógica do livro *Eu e Tu*, do falecido professor Martin Buber, judeu da linha hassídica, cuja vivência comunitária durante a infância lhe foi muito importante. Em breve explicação:

No judaísmo da diáspora sempre houve comunidades cujos membros se chamavam “hassid” (piedoso, devoto). O Hassidismo surgiu na Polônia, no século XVIII. Caracterizava-se por um esforço de renovação da mística judaica. Um traço comum a todas essas comunidades hassídicas é que por sua santidade, piedade e união com Deus, aspiravam a uma vida santificada aqui na terra (ZUBEN, 1977, p. 35).

Eis as bases que seriam como que pilares para sua escrita e ideias posteriores no campo filosófico. Acrescenta-se ainda que

O hassidismo foi de especial auxílio no projeto de promover a renovação da piedade. Para substituir um judaísmo legalista e racional, ele propõe uma religiosidade interior, na qual o homem pode entrar em contato face-a-face com Deus. E contra o idealismo hegeliano e kantiano, sua tentativa foi repensar as relações entre os homens e a natureza dos homens, entre si, e do homem com Deus (ZUBEN, 2017, p. 787).

As citadas referências que servem à presente resenha indicam questões-chaves que serão tratadas adiante a fim de analisar o pensamento de Martin Buber no livro *Eu e Tu*. É com esse mesmo propósito que aqui se chama atenção para o fato de que há um comum perseguido pelos envolvidos na música e na dança do tipo ciranda: a comunicação entre indivíduos ou pessoas, que podem ser objetificados ou plenamente reconhecidos como sujeitos, durante o movimento cadenciado pelas batidas do bumbo e o devido acompanhamento do bailado. Ainda tendo essa imagem por explicação, informa-se de modo solícito que as ideias circulam, ante o interpretado, de maneira não só cantada, mas principalmente dialogada. Conta-se também com a participação testemunhal dos que lerão o presente texto com sua abstração e imaginação, pois “no convívio entre amigos e no diálogo existe outro gesto: o contato” (BENJAMIN, 1987, p. 46). Eis o gesto que se pretende ao longo das seguintes linhas como promoção para esse dito contato: uma escrita que vá ao encontro do outro.

O professor e tradutor de Martin Buber aqui no Brasil, Newton Aquiles von Zuber, esclarece que

Buber, avaliando-se em face de sua diversificada obra, declarou-se um homem atípico (a *typischer Mensch*). E, por isso, seu pensamento filosófico não se assemelha à forma tradicional de filosofia sistemática. Conhecemos na história da filosofia diversos autores judeus e suas obras, no campo da filosofia (ZUBEN, 2017, p. 787).

Por “sistema” entenda-se uma estrutura à guisa de causa e consequência, como se de um mecanismo de cordas e engrenagens se tratasse, com todos os itens bem delimitados e cumprindo bem suas particulares funções, ou ainda como um circuito eletrônico onde a energia adentra por um ponto e tem seu fluxo controlado por todas as peças em seu interior: justamente esse raciocínio de viés mecanicista será encontrado em Buber. Seu pensamento assemelha-se mais a uma espécie de doutrina ou filosofia do tipo prática, isto é, apresenta ações conectadas diretamente a ideias sobre elas. Mais ainda, Zuber pontua que Martin Buber

não segue a linha da tradição que vincula o judaísmo a uma perspectiva filosófica independente deste, como por exemplo, o platonismo de Filão de Alexandria, ou o aristotelismo de Maimônides. O pensamento filosófico de Buber está, ao contrário, sedimentado mais nas fontes judaicas do que nas dos filósofos medievais citados (ZUBEN, 2017, p. 787).

A linha mestra, portanto, é a de “relação” e todo seu entorno conceitual é pensado pelo autor de *Eu e Tu*. Se com Sócrates a questão que causa o espanto do pensamento consiste em “o que é isto”, podendo-se pôr o termo “homem” a esta questão, com Buber a possível resposta seria não em função de um objeto apreendido e decodificado, mas justamente de um sujeito que pensa, fala, age entre outros seus iguais que pensam, falam e agem; que podem, que têm um devir; que se lembram e projetam; que imaginam; que interagem. Na interação, destaca-se o acontecimento de verem-se e serem capazes de, como já dito, se pensarem, se falarem e se agirem (sic) no encontro. Conforme o autor:

Se, por exemplo, o Estado automatizado agrupa cidadãos totalmente estranhos uns aos outros, sem fundar ou favorecer uma vivência com-o-outro, deve-se substituir isto por uma comunidade de amor. Esta comunidade de amor deve florescer quando pessoas se agrupam pela manifestação de um livre sentimento e resolvem viver juntas. Mas isso não é assim; a verdadeira comunidade não nasce do fato de que as pessoas têm sentimentos umas para com as outras (embora ela não possa, na verdade, nascer sem isso) (BUBER, 1977, p. 52).

Se a comunidade não se deve (não é construída) aos sentimentos e afetos mútuos (adquiridos ou inatos), isto é, se é preciso a intervenção de um poder superior que a tutele, então há algo de estranho entre os homens, algo que deve ser melhor elaborado para, em amplitude ética de bem-querer, ver que

ela nasce de duas coisas: de estarem todos em relação viva e mútua com um centro vivo e de estarem unidos uns aos outros em uma relação viva e recíproca. A segunda resulta da primeira; porém não é dada imediatamente com a primeira. A relação viva e recíproca implica sentimentos, mas não provém deles. A comunidade edifica-se sobre a relação viva e recíproca, todavia o verdadeiro construtor é o centro ativo e vivo (BUBER, 1977, p. 53).

Segundo o professor Alexandre Guilherme, da PUC-RS, “o papel desempenhado pelo centro vivo, ativo, é muito importante, sendo o próprio alicerce da comunidade porque facilita o diálogo entre indivíduos dentro do grupo e entre estes indivíduos e a comunidade” (GUILHERME e MORGAN, 2018). Por isso, trouxe-se a associação com a ciranda, pois há uma roda em que todos dançam, com regras facilmente (re)conhecíveis na observação e na direção para o centro, onde o cantor dita o folguedo: o cantor seria esse construtor. O professor Guilherme ainda explica que

Uma maneira de visualizar isto é considerar o construtor como o eixo de uma roda e as relações dialógicas como os raios que conectam o centro às bordas, ou seja, o construtor aos membros da comunidade. É importante observar que diálogo significa relações Eu-Tu. Para Buber, estas relações são aquelas em que se está aberto ao Outro. Em comparação, existem as relações Eu-Isso, nas quais se objetiva o Outro (GUILHERME e MORGAN, 2018, p. 786).

É que, enquanto há o diálogo, há também o monólogo. Entende-se costumeiramente monólogo como “uma única pessoa que fala dentro de uma dada relação”; e por diálogo algo como que “duas pessoas que conversam entre si”, causando equívoco como: a paridade “mono=um e dia=dois”. Mas para este artigo que ora se apresenta, seguindo a perspectiva filosófica de Martin Buber, entende-se como sendo possível palestrar para uma multidão de forma monológica, isto é: quando o Eu que palestra direciona sua fala para uma plateia, transmudando-a para seres que são objetos de intenção prática: são encarados pelo Eu meios para um dado fim, ouvindo-os apenas para sustentar-se. De igual maneira é possível encontrar-se a sós e travar um diálogo. Frise-se o plural para “a sós”, quando esse Eu implícito se dirige a seu Tu mais pessoal, portanto íntimo (em que Buber vai promover tal entendimento como caminho para o divino). Pelo conceito de diálogo, o referido autor entende como o encontro entre duas (ou mais) pessoas que proferem a palavra-princípio “Eu-Tu”, pois, ao início de seu brilhante texto, explica que

O mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude. A atitude do homem é dupla de acordo com a dualidade das palavras-princípio que ele pode proferir.

As palavras-princípio não são vocábulos isolados, mas pares de vocábulos. Uma palavra-princípio é o par Eu-Tu. A outra é o par Eu-Isso no qual, sem que seja alterada a palavra-princípio, pode-se substituir Isso por Ele ou Ela. Deste modo, o Eu do homem é também duplo. (BUBER, 2006, p. 43).

Ao qualificar os pares de vocábulos, culmina ele por desenvolver uma espécie de ética para um agir dialógico, isto é, o Eu se relaciona com o Tu na reciprocidade de um encontro (entre pessoas e não indivíduos) sincero ou *autêntico*, entrando assim na esfera dos domínios da vida dialógica:

o autêntico – não importa se falado ou silencioso – onde cada um dos participantes tem de fato em mente o outro ou os outros na sua presença e no seu modo de ser e a eles se volta com a intenção de estabelecer entre eles e si próprio uma reciprocidade viva (BUBER, 2006, p. 54).

Os outros dois tipos de encontro são o “o diálogo técnico, que é movido unicamente pela necessidade de um entendimento objetivo” (BUBER, 2006, p. 54) e o

monólogo disfarçado de diálogo, onde dois ou mais homens, reunido num local, falam, cada um consigo mesmo, por caminhos tortuosos estranhamente entrelaçados e creem ter escapado, contudo, ao tormento de ter que contar apenas com os próprios recursos (BUBER, 1982, p. 54).

Transcreveu-se o parágrafo todo por sua qualidade elucidativa e para seguir argumentando a partir dele. Valendo-se ainda da escrita ao início do texto, é possível imaginar pessoas que não se conhecem, que jamais se viram, mas que no entanto encontram-se em algum lugar para bailarem juntas à “beira da praia / ouvindo as pancadas / das ondas do mar”¹.

¹Versos da música Estava na Beira da Praia, composta por Lia de Itamaracá por volta de 1961, durante encontro com a pesquisadora e musicista Teca Calazans. HARTZ, Bárbara. O Dengue de Lia do Itamaracá. **Jornal de Brasília. Brasília**, 1977. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=tematico&pagfis=11048>. Último acesso em: 10 de maio de 2019.

Estas pessoas podem dar-se as mãos de um modo autêntico, por prazeres de outro campo que não o de objetivos egoístas, na recusa das presenças externas, ou também podem seguir de maneira subjetivamente mais técnica, como se robôs fossem ante a execução de uma ordem, ignorando as subjetividades dos outros ali presentes, vendo rostos no meio de rostos, sem atentar a que cada um deles contém uma identidade que municia uma pessoa. Como provocação, questiona-se: seria possível um baile monológico?

O modo autêntico implica um voltar-se para o outro que não sou eu, respeitando-lhe o Tu (o *seu* Tu), que consiste em seu particular, manifesto de alguma forma, com reconhecimento para ambos: presença. O monólogo ocorre devido uma espécie de ignorância, no sentido de ignorar a presença que diante se encontra, travando o encontro, aí então, em si mesmo e apenas em si mesmo. É a ilusão do diálogo. Sobre a força monológica, Buber faz a seguinte observação crítica:

uma conversação, que não é determinada nem pela necessidade de comunicar algo, nem por aquela de aprender algo, nem de influenciar alguém, nem de entrar em contato com alguém, mas é determinada unicamente pelo desejo de ver confirmada a própria autoconfiança, decifrando no outro a impressão deixada, ou de tê-la reforçada quando vacilante (BUBER, 1982, p. 54).

Perfaz-se assim o aspecto egoísta e autocentrado de um dos participantes do que poderia ser o verdadeiro encontro. Em outra passagem, observa ainda Martin Buber que

Assim como a melodia não se compõe de sons, nem os versos de vocábulos ou a estátua de linhas — a sua unidade só poderia ser reduzida a uma multiplicidade por um retalhamento ou um dilaceramento — assim também o homem a quem eu digo Tu. Posso extrair a cor de seus cabelos, o matiz de suas palavras ou de sua bondade; devo fazer isso sem cessar, porém ele já não é mais meu Tu. (BUBER, 2006, p. 47)

É essa questão redutora, essa ação de reduzir o outro em matizes, que configura o monólogo. Enquanto a unidade do Tu a quem se dirigem as palavras for respeitada, haverá aí o diálogo:

Cada um de nós está preso numa couraça que, graças à força do hábito, deixa logo de sentir. São apenas instantes que atravessam a couraça e que incitam a alma à receptividade. E quando tal instante agiu sobre nós e nos tornamos então atentos, perguntamo-nos: 'Que é que aconteceu aí de peculiar?' (BUBER, 1982, p. 43)

Estas observações sobre o diálogo surgem a partir de uma profunda reflexão sobre o imbricamento entre o “Eu” e o “Outro”, em que este é assumido ora como “Tu”, ora como “Isso”. Martin Buber aponta, de maneira negativa, uma questão existencial:

A vida do ser humano não se restringe apenas ao âmbito dos verbos transitivos. Ela não se limita somente às atividades que têm algo por objeto. Eu percebo alguma coisa. Eu experimento alguma coisa, ou represento alguma coisa, eu quero alguma coisa, ou sinto alguma coisa, eu penso em alguma coisa. A vida do ser humano não consiste unicamente nisto ou em algo semelhante (BUBER, 2006, p. 43).

Eis aí os motivadores que atentam possivelmente para perguntas do tipo “o que eu percebo, o que eu experimento, o que eu represento, o que eu quero, o que eu sinto, o que eu penso?” Por isso, o questionamento é “transitivo”, isto é, não se atém apenas a um sujeito que predica seu objeto.

Avança o autor em seus argumentos, muitos dos quais são fruto de sua experiência judaica naquela comunidade hassídica (promotora de uma espiritualidade mais mística). Certo é que sua vivência particular interferiu em sua escrita igualmente particular, que aponta sempre para um *télos* ou finalidade eminentemente metafísica, a saber, Deus. Conforme o professor Zuben comenta:

a preeminência da presença da mística hassídica exaustivamente estudada por Buber exerceu forte influência, como fonte seminal, sobre a gênese e a consolidação do pensamento do nosso autor. Na verdade, sua intenção foi entender esse fenômeno como um padrão de vida completo, uma busca de vida do homem com Deus no mundo. (...) Tanto em sua experiência vivida (na infância, no seio de comunidades hassídicas) quanto no plano intelectual, ele se sentia profundamente próximo desse hassidismo (ZUBEN, 2017, p. 790).

Mas o aspecto que se quer aqui ressaltar é a maneira dialógica de viver, de entender que, na vida, seres dialogam com outros seres. Nesse sentido, trata-se de uma forma de comunicação e de como isso abrange os profissionais que escrevem em direção a um leitor:

A única coisa importante é que (...) o outro aconteça como este outro determinado; que cada um dos dois se tome consciente do outro de tal forma que precisamente por isso assuma para com ele um comportamento, que não o considere e não o trate como seu objeto, mas como seu parceiro num acontecimento da vida, mesmo que seja apenas uma luta de boxe. É este o fator decisivo: (o não-ser-objeto) (BUBER, 1982, p. 138).

Se o filósofo hassídico escreveu que “eu não experiencio o homem a quem digo Tu. Eu entro em relação com ele no santuário da palavra-princípio. Somente quando saio daí posso experienciá-lo novamente. A experiência é distanciamento do Tu” (BUBER, 2006, p. 47), é possível pensar a relação que envolve a ambos, o escrevente e o leitor, como lugar de encontro e, também, como processo de formação de comunidade que se enlaça, enfeixa, pelo comum da comunicação. O jogo com as palavras é proposital. “Comum” vem do latim *communis*, significando dividir, pôr em comum e similares. É ter um *múnus*, elemento que municia, e pô-lo com outros. Nesse jogo com as palavras, pode-se pensar ainda em obrigação (*obligatio*) e relação (*relatio*) – ainda que os elementos latinos que as originam sejam diferentes entre si – elas contém em si uma certa ideia de enlace, de convívio, de relações. Ou em termos aproximativos: o ato de pôr em comum gera uma obrigação ligada por laços.

Nesse processo de criação de laços, *autênticos* laços, de um Eu que se dirige ao Tu, uma frase-síntese é composta, “Toda vida atual é *encontro*” (BUBER, 2006, p. 49, grifo meu). Em trabalho posterior ele ainda afirmou que

O diálogo entre meros indivíduos é apenas um esboço; é somente entre pessoas que ele se realiza. Mas por que meios poderia um homem transformar-se, tão essencialmente, de indivíduo em pessoa, senão pelas experiências austeras e ternas do diálogo, que lhe ensinam o conteúdo ilimitado do limite? (BUBER, 1982, p. 56).

Atenção ao fato de que Buber distingue “indivíduo” e “pessoa”. Comparada àquele, esta se encontra em outro estágio, pode-se dizer, de existência. Conforme já foi citada: *existência autêntica*. Escrito isso tudo, acrescenta-se que

desde sua origem, toda arte é essencialmente dialógica: toda música é dirigida a um ouvido que não é o do próprio músico, toda escultura, a um olho que não é o do escultor; também a arquitetura é dirigida aos passos que medem a obra. Todas elas dizem, àquele que as recebe, algo que só pode ser dito nesta linguagem única (não um “sentimento”, mas um segredo percebido) (BUBER, 1982, p. 60).

De igual maneira pensa-se a questão da escrita, o trabalho de escrever. A escrita alcança, pela via proposta pelo diálogo buberiano, um cariz mais ético e transcendente. O suporte que recebe as letras pode ser encarado como espécie de sagrado altar para as palavras:

A intuição originária de Buber, em *Eu e Tu*, está na ligação ontológica entre o ser e a linguagem, o dizer, a palavra, Davar. A linguagem está no fundamento do ser do homem como relação. As palavras-princípio estabelecem o homem no ser. (...) O homem em diálogo é o lugar privilegiado onde o ser se manifesta em sua dualidade, seja como Tu, seja como Isso (ZUBEN, 2017, p. 792).

Essa forma de pensar e assumir a linguagem é o princípio que se deve imprimir nas futuras páginas a serem escritas, uma vez que se tenha consciência dialógica, intencionalidade dialógica. Convém, nesse intuito, acrescentar à presente resenha crítica a seguinte citação sobre o pedagogo pernambucano Paulo Freire:

desenvolveu a noção de Buber do professor como professor-construtor, um construtor da comunidade, mas acrescenta uma dimensão política, ou seja, o construtor da comunidade torna-se o libertador político que desempenha um papel central na formação de indivíduos críticos e na libertação dos oprimidos. O professor-construtor transforma-se em professor-político (GUILHERME e MORGAN, 2018, p. 789).

Como em Martin Buber há uma grande ênfase nas palavras e suas relações com os indivíduos e as pessoas, é interessante observar que Freire aproveitou-se dessa estrutura e a utilizou em sua *pedagogia do oprimido*, dando um passo adiante ao pôr maior ênfase na relação construtor e comunidade, através da transposição conceitual para *professor* e *aluno*, tendo por objetivo a (trans)formação de ambos nesse processo. Em seu famoso livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire expõe o seguinte:

Enquanto na teoria da ação antidialógica a conquista, como sua primeira característica, implica num sujeito que, conquistando o outro, o transforma em quase ‘coisa’, na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração. O *eu* antidialógico, dominador, transforma o *tu* dominado, conquistado num mero ‘isto’ (FREIRE, 1987, p. 96, grifos do autor).

Conclui, então, que

O *eu* dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe também que, constituído por um tu – um não-eu –, esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois *tu* que se fazem dois eu (FREIRE, 1987, p. 96, grifos do autor).

Fica nítida a leitura e influência do livro *Eu e Tu* nesse que sem dúvida foi um grande pedagogo. O chamado “conhecimento bancário”, tão criticado por ele, por ver a cabeça do aluno como um lugar para ser “depositado” um saber, para depois ser “sacado”, nada mais é que o seu entendimento particular para o que chama de ação antidialógica e, portanto, ação desrespeitosa para com o outro (o aluno). Ampliando a compreensão, insiste-se com Guilherme que

O professor-construtor de Buber possibilita uma comunidade baseada em relações dialógicas que originam respeito mútuo, uma comunidade na qual o professor e os estudantes afetam uns aos outros, formando o caráter de cada um e mantendo a diferença entre o professor-construtor (o centro vivo) e os outros membros da comunidade (GUILHERME e MORGAN, 2018, p. 791).

Ao mesmo tempo, “Freire expande o conceito de professor-construtor para que abranja uma dimensão política, não discutida essencialmente por Buber. Freire transforma o professor-construtor no professor-político” (GUILHERME e MORGAN, 2018). Atente-se ainda para o fato de que a expressão “professor-político” não foi utilizada por Paulo Freire.

Pode-se afirmar, sem temer erro ou má concepção de ideias, que Martin Buber fundamentou uma verdadeira ontologia da relação (ZUBEN, 2017), pois

suas reflexões sobre o Tu eterno, na terceira parte da obra, são intimamente articuladas com as intuições desenvolvidas na primeira parte, onde trata das “palavras-princípio” (*Grundwörter*). (...) com a palavra servindo de esteio para o existir humano, na alternância das atitudes manifestas nas “palavras-princípio” Eu-Tu e Eu-Isso, formando respectivamente o mundo da relação, do diálogo — Eu-Tu —, e o mundo da experiência e da utilização Eu-Isso — mundo do Isso (ZUBEN, 2017, p. 791).

Em Buber não há distinção entre vida mundana ou vida religiosa: há apenas vida. Não quis ele recair, outrossim, em uma espécie de doutrina ou *way of life*, mas sim quis ter a certeza de que é possível trazer e realizar no cotidiano o ter-em-si próprio da comunidade religiosa a partir das inferências de seu livro sagrado – no autor em questão, trata-se da Torah judaica. Outras comunidades terão outros livros ou referências e suportes, como exemplo, a Bíblia para os cristãos. Nesse sentido religioso, o professor Newton Aquiles escreve que “vimos a crítica lançada pelo pensamento moderno contra a ideia de Revelação, baseada no argumento de que esta seria incompatível com o seu princípio fundamental, que é a investigação racional” (ZUBEN, 2017), para com isso esclarecer o seguinte ponto:

A partir do momento em que Kant postulou a diferença entre núnemo (noumenon) e fenômeno (phainomenon), tornou-se possível argumentar que a realidade pode deixar de ser um objeto, na medida em que não a vemos como objeto, necessariamente desvinculada do sujeito. Pode-se, entretanto, manter uma relação de compromisso. Esse compromisso permite sustentar um acesso cognitivo do transfenomenal (ZUBEN, 2017, p. 802).

“Compromisso” é a palavra-chave, juntamente com “encontro”, para uma relação direta e imediata com a realidade. Martin Buber segue uma tradição da palavra, e nela, com ela e por ela, vincula-se à humanidade no processo mais íntimo que pode ter, qual seja, o do extremo amor e entrega, cujo caminho passa – ou conduz – ao transcendente, pois

É de se notar o estreito vínculo de fertilização mútua entre o pensamento e a vivência concreta desse pensador. Sua obra busca na fonte de seu existir histórico as inspirações seminais para as suas reflexões, nos mais diversos domínios, numa hierarquia a partir da fonte principal, que é o judaísmo. E suas reflexões vão orientando suas ações de modo singular, nos vários momentos de sua vida (ZUBEN, 2017, p. 805).

As ações e relações são imbricadas na vida de uma pessoa. Consoante as ideias de Buber, quanto maior for a abertura em relação ao “outro” no processo relacional e dialógico de um Eu-Tu, implica-se necessariamente uma ética de forte estrutura, por propor

uma dupla tarefa ao homem: em primeiro lugar, a realização do divino, de tal sorte que uma teofania seja desdobrada em verdadeira história; em segundo lugar, a construção de um cosmos que seja a moradia do homem. O divino seria como uma espécie de leitura absoluta do humano, pois, na realidade, esse humano é o objetivo que tal mensagem almeja realizar plenamente (ZUBEN, 2017, p. 805).

Ou, escrito de outra forma, quiçá de modo poético, a libertação sincera pela palavra pro(e)ferida que (per)segue iguais ouvidos sinceros que passem a conhecer, prenhes de sentidos, para o autêntico gesto em autêntico encontro.

Referências

BENJAMIN, Walter. **A imagem de Proust**. Magia e técnica. Arte e política. Obras escolhidas. v. 1, São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 36-49.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **Eu e Tu**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://tinyurl.com/ybonh2f5>. Último acesso em: 11 maio 2019.

GUILHERME, Alexandre; MORGAN, W. John. Refletindo sobre o Papel do Professor: Buber, Freire e Gur-Ze'ev. **Educ. Real**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 783-798, set. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362018000300783&lng=pt&nrm=iso. Último acesso em: 10 maio 2019.

SILVA, Esdras; OLIVEIRA, Reinaldo de. Ciranda do amor. In: GERMANO, Claudionor. **Cirandas**. Recife: Replay, 1975. 2 CD. Faixa 1.

ZUBEN, Newton Aquiles von. A revelação no pensamento de Martin Buber. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, v. 9, p. 785-809, 2017.

_____. Introdução. In BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977. p. 5-78



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercia- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/by-nc-sa/4.0/>.

Recebido em: 25/03/2019

Aprovado em: 17/06/2019